

Estresse e Qualidade de Vida dos Profissionais Policiais Penais no Sistema Penitenciário Brasileiro: uma Revisão de Literatura

OZANA RODRIGUES BORITZA

Professora da Universidade Federal de Rondônia – UNIR

ENISE BARTH

Professora da Universidade Federal da Fronteira do Sul - UFFS

Resumo

O estudo objetiva uma revisão de literatura tendo como base o levantamento da produção existente sobre a saúde mental, com foco na qualidade de vida e estresse em profissionais policiais penais que trabalham nos estabelecimentos prisionais, diretamente com os indivíduos que descumpriram as regras de convivência social e são mantidos encarcerados. Sendo realizada busca em periódicos nacionais entre os anos de 2009 a 2020, nas bases de dados Periódicos Capes, Biblioteca Virtual em Saúde. (BVS) e Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia, (BVS-Psi). Buscado refletir a respeito do ambiente de trabalho no que diz respeito a qualidade de vida e o estresse nos profissionais do sistema penitenciário.

Palavras-chave: policial penal, estresse, qualidade de vida, revisão de literatura.

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é fazer um levantamento de material produzido acerca da qualidade de vida do policial penal abordando o estresse por este vivenciado em seu ambiente de trabalho dentro das prisões. Necessário se faz o estudo do tema, pois o ambiente em que o policial penal desenvolve suas tarefas no sistema prisional é carregado de problemas característicos do cárcere, os quais aliados a desvalorização profissional, ao alto nível de estresse, a falta de motivação, ao ambiente com baixa ou nenhuma qualidade de vida, dentre outros, podem acarretar a ocorrência de doenças, de distúrbios psicológicos, que podem afetar a qualidade de vida tanto no seu meio de trabalho como no familiar e social.

O termo qualidade de vida no trabalho tem sido objeto de discussões nas organizações como uma forma de melhoria da condição de trabalho dos profissionais e conseqüentemente avanço da produtividade nas organizações. As condições que o profissional exerce seu trabalho nas organizações pode determinar o surgimento de estresse o que pode exercer influência na sua

saúde física e mental e conseqüentemente no seu desempenho dentro da organização.

É indiscutível que o trabalho possui um espaço de extrema importância na vida psíquica de qualquer indivíduo, é no desempenho de seu trabalho no dia a dia que as pessoas se deparam de um lado com os interesses e objetivos das organizações, e de outro com seus próprios objetivos muitas vezes eivados de desejos, angustia, medos, incertezas etc, e neste conjuntura o trabalho pode desenvolver no indivíduo enfermidades tanto física quanto psicológica (MAQUES et al. 2018).

Os afazeres no sistema penitenciário se diferencia de outras organizações dada a sua peculiaridade de instituição total, onde vive um grande números de pessoas que são vigiadas constantemente, tendo todos os movimentos de sua vida durante um lapso temporal determinado pela justiça, administrada diretamente pelo estado na figura do policial penal.

No desempenho de seu trabalho, o policial penal dentro das unidades prisionais, é imprescindível que esteja sempre com uma postura de alerta, atento a quaisquer movimentos por parte dos presidiários que possam gerar a desordem na prisão. Esta atitude de constante atenção, pode suscitar nos trabalhadores desgaste psíquico, acarretando o surgimento do estresse e este podendo levar a complicados problemas para a saúde mental do profissional que trabalha em contato direto com habitantes do sistema prisional.

QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO

A preocupação com a qualidade de vida no trabalho origina-se na década de 1950 com Eric Trist sendo o primeiro a fazer uso do termo, mas a preocupação com a questão vem desde o início do envolvimento do homem com o trabalho, numa busca constante por melhores condições para o desempenho do trabalho, uma vez que a evolução do homem possibilita tal reflexão, numa tentativa de conseguir novas possibilidades que o motive para o trabalho e com isso diminuir os efeitos negativos deste na sua saúde. No Brasil, a preocupação existente no meio organizacional, em relação a baixa produtividade do trabalhador no desempenho de suas funções é objeto de debate, porém não se discute com a mesma frequência a qualidade de vida no trabalho, que é um fator determinante para a melhora da produtividade (FERNANDES, 1996; LAUXEN, et al 2017).

As constantes transformações que o mundo vem passando em termos sociais, econômico, político e tecnológico, tem provocado alterações no trabalho e conseqüente conflito na qualidade de vida do trabalhador no que se refere a sua saúde mental. Djours chama a atenção para o sofrimento vivenciado no trabalho, definindo o sofrimento no trabalho como o campo que separa a doença da saúde. (DJOURS, 1992).

O agente penitenciário ou o policial penal denominação está dada pela Emenda Constitucional 104 de 2019 que incluiu o profissional que trabalha no cárcere no rol dos profissionais que compõem a segurança pública do Brasil, Conforme o artigo 144 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (BRASIL, 1988). No universo de pesquisas encontradas sobre o sistema prisional observa-se uma preocupação em focar os estudos na pessoa do preso, e pouco se encontra pesquisadores preocupados em demonstrar a situação do profissional policial penal que labora no seu dia a dia em contato direto com os detentos enfrentando todas as adversidades do trabalho no interior do cárcere (BEZERRA et al 2016).

A pesquisa, tem como objetivo realizar uma revisão bibliografica em trabalhos que abordam a qualidade de vida e o estresse em policiais penais, com o intuito de refletir sobre as situações que desenvolvem o estresse e que podem estar causando fragilidades na qualidade de vida e no desempenho de sua função dentro do ambiente prisional.

A investigação resulta um pequeno experimento científico que assinala em reflexões no que diz respeito as vulnerabilidades enfrentadas pelos trabalhadores do sistema penitenciário, demonstrando a realidade vivenciada na rotina de trabalho os problemas peculiares que a função de vigiar, reeducar e fazer cumprir o que a justiça determinou representa na vida e na saúde destes profissionais.

SISTEMA PRISIONAL E POLICIA PENAL

Abordar questões de saúde dentro do sistema prisional, tem se constituído em um assunto desafiador para os que se propõem estudá-lo. Sabe-se que a criminalidade cresce a cada dia no Brasil e que o sistema penitenciário opera constantemente com número bem maior de presos do que a capacidade de vagas oferecidas. Neste ambiente, convivem dois grupos de pessoas, de um lado aqueles que violaram as regras de convivência em sociedade e do outro os profissionais policiais penais que tem a incumbência de fazer com que cumpram seus débitos com a justiça.

A ocupação da Policia Penal é considerada a segunda mais peridosa do mundo, de acordo com dados da International Hazard Datasheets on Occupation (HDO), catalogado pela Organização Internacional do Trabalho – OIT. (BIANCHI; VASQUES, 2017).

De acordo com os dados do relatório do IFOPEN que é o sistema de informações estatísticas do sistema penitenciário brasileiro, atualizado no mês de junho de 2020 o Brasil conta com 748,000 mil presos, com uma média de 338 presos para cada número de 100 mil habitantes, sendo detentor da terceira maior população carcerária no mundo, em um sistema precário no qual a superlotação e a situação precária das instalações das unidades

prisionais levam as desordens ocasionadas pelos presos, como as rebeliões, motins, brigas, fugas, violência etc, situações estas que se agravam com o aumento das organizações criminosas no país.

Analisando as condições precárias dos estabelecimentos prisionais no Brasil, organismos internacionais comparam as prisões brasileiras com campos de concentração, no que se refere ao seu espaço físico, e em muitos casos como uma versão piorada aos campos construídos pelos nazistas (RANGEL, BICALHO 2016).

Neste cenário o trabalhador penitenciário desenvolve suas funções tendo uma função de extraordinária importância, estando responsável pela guarda dos presos mantendo a disciplina com vigilância constante, fiscalizando, inspecionado, revistando e acompanhando os presos para quaisquer que sejam os locais que se locomoverem tanto dentro como fora da unidade prisional. Este trabalho ocorre em um ambiente precário com sobrecarga física e psicológica em convívio direto com diversos tipos de violência seja entre presos como entre presos e policiais penais, sofrendo atos de violência física e psicológica, envolvendo agressões verbais e ameaças. O que ocasiona efeitos em seu processo de saúde mental. Nas palavras de LAUXEN, et al (2017): “a qualidade de vida do profissional no trabalho seria garantir condições de trabalho que promovam a segurança, a saúde e o bem estar do trabalhador dentro e fora da instituição, ou seja, proporcionar uma maior participação por parte dos funcionários, propiciando integração com superiores, com colegas e com o próprio ambiente”

É consenso entre os poucos pesquisadores que se interessam em investigar a qualidade de vida no trabalho das prisões, que o servidor penitenciário desempenha um trabalho árduo e de alta complexidade em um ambiente cercado de vulnerabilidades. A exposição constante e arriscada, o alerta, a pressão, a tensão, o perigo e o lugar insalubre são condições propícias para desencadeamento do estresse (MORAES, 2005; BEZERRA, ASSIS, CONSTANTINO, 2016).

O ambiente prisional cercado de muros altos com vigilância constante, possuem corredores internos extensos, geralmente frios, úmidos e com escassa iluminação, as cercas de arrames nas muralhas e as grades de ferro em quase todos os locais impressionam enquanto local de segregação. A solidão característica do carcere, o afastamento muitas vezes por um longo período de tempo de amigos e familiares, o convívio com as diversas formas de violência, ocasionam muitas vezes a destruição física e psíquica dos que ali convivem, as fugas, as brigas, os motins e as rebeliões, tornam-se episódios considerados normais pelos que laboram neste ambiente LOURENÇO (2010)

E neste ambiente, que habita aqueles que descumpriram as regras de convivência em sociedade, sendo portadores dos mais variados níveis de periculosidade, surge a figura do profissional que trabalha em contato direto

com o preso vivenciando os mais diversos tipos de problemas que ocorrem dentro de uma unidade prisional. Nas palavras de Lourenço (2010 p.36): “é responsável pela manutenção e custódia dos apenados, sendo a descrição básica da atribuição do Inspetor Penitenciário: “efetuar a segurança da Unidade Penal em que atua, mantendo a disciplina. Vigiar, fiscalizar, inspecionar, revistar e acompanhar os presos ou internados, zelando pela ordem e segurança deles”.

O policial penal tem como incumbência manter afastado da sociedade os criminosos garantido a eles os direitos e as garantias que as legislações pertinentes preveem, exercendo função dúbia ao mesmo tempo que faz cumprir as punições determinadas pela justiça, exerce neste mesmo contexto o papel de agente ressocializador.

O trabalho no carcere é realizado em equipe, devendo demonstrar total atenção em todo o seu turno de serviço, autocontrole, iniciativa e a capacidade de contornar as mais variadas situações adversas que surgem dentro de um estabelecimento prisional. Estando o tempo todo expostos a diversas situações que causam tensão, tais como o descontentamento dos encarcerados com as condições do ambiente, ocasionadas pela superlotação, insalubridade, falta de materiais básicos etc. em que o policial penal está na linha de frente das reclamações que acabam por gerar ameaças e agressões, desempenhando seu trabalho em constante pressão psicológica, pois dada a peculiaridade do ambiente deve estar sempre atento a enfrentar quaisquer tipos de problemas (BENETTI, 2017).

Encaram ao mesmo tempo o peso imperativo da instituição no trabalho árduo de manutenção da disciplina dos presos e as reivindicações destes devido as péssimas condições em que se encontra a maioria das penitenciárias brasileiras, juntamente com os maus comportamentos e os estados de ânimo oscilantes dos que estão legalmente privados de sua liberdade, desempenhando uma função imprescindível e ao mesmo tempo invisível aos olhos da sociedade e muitas vezes do próprio Estado, este é o cenário que o policial penal desempenha seu trabalho.

ESTRESSE E O POLICIAL PENAL

O estresse foi definido por Hans Selye como uma resposta do organismo não específica para situações estressoras por ele vivenciadas, o estresse em quantidade moderada, possibilita uma normal adaptação as questões rotineiras na vida do indivíduo, mas o problema aparece quando o estresse fica excessivo, causando sofrimento psíquico, com reações do organismo tanto de ordem física quanto psicológica, com sintomas mais ou menos acentuados dependendo da fase em que o estresse se encontra na vida da pessoa (SELYE, 1985).

O estresse está assim relacionado com a resposta orgânica que o organismo do indivíduo produz diante de qualquer estímulo estressor, representada por um conjunto de defesas sanguíneas contra estes tipos de eventos estressores, até mesmo ao estímulo psicológico originário do meio ambiente que este indivíduo está inserido (SOUSA, 2009).

Abordando o que significa estar estressado França e Rodrigues (2014, p.30) entendem que é o: “Estado do organismo, após o esforço de adaptação, que pode produzir deformações na capacidade de resposta atingindo o comportamento mental e afetivo, o estado físico e o relacionamento com as pessoas”

Para alguns autores o estresse apresenta-se em duas vertentes uma considerada negativa e outra positiva. O negativo, chamado de *distresse*, tido como estresse ruim para o indivíduo, pois consiste na resposta dada pelo organismo do indivíduo quando este apresenta dificuldades de adaptação as diversas situações estressoras por ele vivenciadas. E noutra vertente, o estresse positivo, conhecido como *eustresse*, considerado o estresse bom, este advindo de situações agradáveis vividas pelo indivíduo (PRADO, 2017). Verifica-se que os dois tipos de estresse é necessário para a sobrevivência e o crescimento do indivíduo.

Reforçando este entendimento, são reconhecidos dois aspectos essenciais do estresse, o primeiro são as situações geradoras do estresse, conhecidas como estímulo estressor ou apenas como estressores, o segundo é a resposta que o organismo emite diante destes estressores. Daí tem-se que, a resposta será negativa toda vez que o processo de adaptação ao estresse for inadequado, ou seja, o organismo não consegue se adaptar ao estressor, e nesse caso pode a reação gerar até mesmo enfermidades, tem se então o *distress*. Por outro lado, se a resposta do organismo for positiva, ou seja, a adaptação ao estressor foi adequada, tranquila, tem-se o *eustress* (FRANÇA, RODRIGUES, 2014).

Nesse sentido, Gomes (2017, p. 25): o estresse pode ser definido como uma experiência emocional, negativa ou positiva, verificada quando as demandas percebidas são superiores aos recursos disponíveis, sendo acompanhada por mudanças fisiológicas, cognitivas e comportamentais que objetivam alterar o evento estressante ou acomodar seus efeitos.

Nesta vertente, os fatores considerados estressores em um ambiente de trabalho podem se apresentar como fatores físicos e fatores psicossociais, estes voltados ao meio ambiente de trabalho (ILO, 2016).

O trabalho do policial penal, é considerado de difícil manejo e muito árduo, devido a problemática enfrentada no seu ambiente de trabalho, que é marcado por situações características do próprio meio, tais como superlotação carcerária, baixo número de policiais penais, conflitos entre presos, violência tanto física quanto psicológica, tanto entre os próprios presidiários como entre

estes e os policiais penais, o que contribui sobremaneira para a produção de riscos psicossociais, e com isso o surgimento do estresse (LAUXEN et al, 2017).

Os policiais penais estão sujeitos a agravos em sua saúde psicológica devido aos diversos eventos que enfrentam em seu dia a dia no desempenho de suas atividades dentro do sistema penitenciário, acontecimentos estes considerados estressores e redutores de sua qualidade de vida no trabalho (LAUXEN et al, 2017).

A função desempenhada pelos policiais penais nas unidades prisionais são consideradas como uma nascente de sofrimento e adoecimento, em um ambiente tido como desumano dada suas peculiaridades (LIMA E DIMENSTEIN 2019).

MATERIAL E MÉTODO

A investigação bibliográfica que serviu de embasamento para fundamentar a pesquisa proposta, observou artigos das bases de dados: Periódicos Capes, Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e Biblioteca Virtual de Saúde Psicologia Brasil (BVS psi). Em todas foi utilizado as seguintes denominações nos campos de busca; agente penitenciário, inspetor penitenciário, guarda prisional, polícia, estresse psicológico, sofrimento mental, saúde mental, estresse ocupacional, sofrimento psíquico.

Muitos trabalhos são encontrados sobre a temática sistema prisional, mas se preocupam em abordar a situação precária dos estabelecimentos penais e principalmente a figura do encarcerado, neste sentido foi possível observar que as pesquisas se diversificam principalmente nos seguintes assuntos: condições de cumprimento de pena, saúde do preso, transtornos causados pelo uso de substâncias, delinquência juvenil, ressocialização dos presos, violência no ambiente de trabalho nas prisões e ainda sobre as condições de trabalho e saúde dos demais grupos que trabalham nas unidades prisionais como por exemplo os técnicos em enfermagem, assistentes sociais dentre outros.

Resultando em 73 (setenta e três) artigos, sendo que dez se repetiram nas bases dados, restando 63 (sessenta e três), sendo feita a leitura do resumo de todos, chegando ao conhecimento de que a maioria, 45 (quarenta e cinco) dos artigos fazem referência ao agente penitenciário em diversas situações, tais como: visão do agente penitenciário como ressocializador; agente penitenciário na função de vigiar e punir; a identidade do agente penitenciário; fatores associados a violência no ambiente de trabalho; sentimento de medo no trabalho, uso de álcool e drogas; o sentido do trabalho; prazer e sofrimento na função de agente penitenciário; visão do agente sobre os presos e a prisão; condições do ambiente de trabalho; militarização do

Ozana Rodrigues Boritza, Enise Barth– **Estresse e Qualidade de Vida dos Profissionais Policiais Penais no Sistema Penitenciário Brasileiro: uma Revisão de Literatura**

trabalho do agente; 10 (dez) dos trabalhos analisados se refere a saúde dos agentes penitenciários, impactos do encarceramento etc.; 3 (três) trata de transtorno mental; 2 (dois) do sentimento de medo no desempenho do trabalho no cárcere; 1 (um) faz referência ao sofrimento psíquico; 5 (cinco) abordam assuntos relacionados a síndrome de *burnout*, sendo um excluído por se apresentava como nota previa e não foi encontrado o artigo, um aborda a perspectiva de gênero; 2 (dois) trata do uso de álcool e drogas pelos agentes penitenciários; 2 (dois) faz referência ao estresse nos policiais penais; 2 (dois) aborda de forma ampla a qualidade de vida no trabalho do agente penitenciário; 1 (um) faz reflexões do trabalho no cárcere, abordando a qualidade de vida e o sofrimento psicológico;

Como o foco da revisão é analisar os trabalhos relacionados a qualidade de vida no trabalho e o estresse, foram selecionados e analisados os abaixo relacionados.

Relação de artigos selecionados

AUTOR	TÍTULO	ANO	REVISTA	PORTAL/BASE DE DADOS	DESCRITORES
Costa, Mônica Barros; Guércio, Nathália Moura Silva; Costa, Humberto de Freitas Campos; Oliveira, Manoel Marques Evangelista de; Alves, Márcio José Martins.	Possível relação entre estresse ocupacional e Síndrome metabólica	2011	HU revista	BVS	Agentes Penitenciários
Aline Bonez Lisamara Dal Moro Scheila Beatriz Sehnem	Saúde mental de agentes penitenciários de um presídio catarinense	2013	Psicologia argumento	BVS	Agente penitenciário
Stevan Marques Carvalho Érika Costa Vieira Gagliardi	O risco de adoecimento de agentes penitenciários	2014	Gestão & Saúde	Periódicos Capes	Agente penitenciário
Caroline Raquele Jaskowiak Rosane Teresinha Fontana	O trabalho no cárcere: reflexões acerca da saúde do agente penitenciário	2015	Revista Brasileira de Enfermagem	PERIODICOS CAPES / BVS	Agente penitenciário
Cristiane SC Araújo Ruth Minamisava Marcos A. Matos Camila F Vieira Priscila V O Vitorino Dolores Rodriguez Martin Neuma Chaveiro Lizete MAC Oliveira Virginia V. Brasil DouglasJ.Nogueira Leila A. Salha Maria A. Barbosa	Fatores associados à qualidade de vida em agentes penitenciários, Brasil	2020	Saúde Pública	Periódicos Capes	Agente penitenciário

Fonte: própria autora, 2021

Tipo de Publicação

Os artigos selecionados abordavam materiais empíricos, visto que são importantes para o levantamento de dados acerca de determinado assunto ou grupo de pessoas investigados, e nesse caso buscando demonstrar a realidade da situação vivenciada pelos agentes penitenciários que trabalham nos estabelecimentos prisionais brasileiro. Em relação ao meio de publicação, os

artigos analisados foram publicados em diferentes revistas e em anos diversos.

A importância de tal levantamento se pauta na necessidade de estudar o grupo de profissionais que trabalham nas unidades prisionais brasileiras, diretamente com os encarcerados, e que são pouco investigados, despertando assim, interesse para um debate mais aprofundado sobre a temática, possibilitando através dessa revisão do que já foi abordado sobre o assunto, maiores reflexões sobre a função e a vivência do agente penitenciário no seu trabalho no sistema penitenciário brasileiro.

Área de publicação

Dos trabalhos selecionados para análise todos pertencem as áreas da medicina, psicologia e enfermagem. Sendo que somente um é da área da psicologia. Todos os trabalhos estabelecem vínculos com estes campos de pesquisa por buscarem estudar a saúde nos aspectos físicos e psicológicos do trabalhador policial penal.

Ano da publicação dos matérias analisados

Os trabalhos analisados foram todos publicados em anos diferentes o primeiro com publicação em 2011 e os demais sucessivamente nos anos de 2013, 2014, 2015, 2020.

Diante disso, observa-se o baixo quantitativo de trabalhos publicados, o pouco interesse dos pesquisadores em investigar a temática voltada para o profissional policial penal no que se refere a sua saúde e qualidade de vida dentro do ambiente prisional.

Matérias abordadas nos trabalhos analisados

Os trabalhos objetos de análise abordaram as seguintes temáticas relacionadas as investigações votadas aos profissionais policiais penais: possível relação entre estresse ocupacional e síndrome metabólica (COSTA, GUÉRCIO, COSTA, OLIVEIRA, ALVES, 2011); saúde mental dos agentes penitenciários, (BONEZ, MORO, SEHNEM, 2013); o risco de adoecimento de agentes penitenciários (CARVALHO, GAGLIARDI, 2014); o trabalho no cárcere: reflexões acerca da saúde do agente penitenciário (JASKOWIAK, FONTANA, 2015); fatores associados à qualidade de vida em agentes penitenciários, (ARAÚJO, MATOS, MINAMISAVA VIEIRA, VITORINO, MARTÍN, CHAVEIRO, OLIVEIRA, BRASIL, NOGUEIRA, SALHA, BARBOSA, 2020).

É impressionante o silêncio dos pesquisadores quando o assunto é estudar o policial penal, mesmo trabalhando em um ambiente que dada as suas peculiaridades podem causar sérios riscos a sua saúde mental e física. Existe uma lacuna nas investigações voltadas tanto para a sua saúde mental

quanto física, como pode ser observado pelo quantitativo de trabalhos encontrados, como também nas questões voltadas para a violência tanto a física quanto a psicológica, assédio moral no trabalho, as questões de suicídio ou as tentativas de suicídios entre os policiais penais, o absenteísmo pelo adoecimento no trabalho etc. são diversas as vertentes ainda carentes de investigação em relação ao policial penal no universo do sistema prisional.

Instrumentos e coleta de dados

Em relação aos instrumentos utilizados para a coleta de dados tem-se: 2011 um estudo transversal, submetendo os pesquisados a exames físicos e avaliação laboratorial, e também com a aplicação de questionário; 2013 um estudo com a pesquisa de natureza descritiva com abordagem quali-quantitativa, com dados obtidos por meio de escalas e questionário semiestruturado; 2015 pesquisa descritiva, qualitativa, com os dados coletados por meio de entrevista aberta. 2014 uma pesquisa utilizando-se de um estudo de caso, com aplicação de questionário fechado; 2020 um estudo transversal, utilizando-se de entrevistas e de questionário com abordagem na versão abreviada da qualidade de vida da organização mundial de saúde (WHOQOL-BREF) os domínios físico, psicológico, relações sociais e meio ambiente, foram utilizados para a obtenção dos resultados.

Análise dos resultados das pesquisas

O ambiente de trabalho dentro dos estabelecimentos prisionais é considerado como uma instituição total, por ser um lugar onde habita um número de indivíduos em situações semelhantes, no caso criminosos que permanecem por um lapso temporal separados da convivência em sociedade, levando uma vida literalmente fechada e formalmente administrada pelo Estado por meio do policial penal (GOFFMAN 2010).

O sistema penitenciário brasileiro por sua natureza, pode apresentar ao profissional policial penal que nele está inserido com suas funções relacionadas ao contato direto com os presidiários, condições ambientais de sofrimento, hostilidades, conflitos interpessoais, por se tratar de uma instituição total, em que a própria natureza de suas particularidades podem afetar todos aqueles que convivem neste universo fechado e de difícil acesso (LAUXEN et al, 2017).

Neste ambiente de hostilidade e de sofrimento, que o agente penitenciário desenvolve um trabalho de complexa realização sendo o primeiro na linha de frente a enfrentar quaisquer conflitos, tendo que dar uma resposta imediata a qualquer situação que ocorra não importando o horário, onde, como e a sua gravidade. Neste contexto de trabalho, analisar-se-á a seguir os resultados dos trabalhos selecionados.

Costa, Guércio, Costa, Oliveira, Alves (2011), em estudo transversal, foi selecionado 51 policiais penais na penitenciária Ariosvaldo de Campos Pires e no Centro de Remanejamento de Segurança Prisional de Juiz de Fora e um grupo de 43 funcionários do setor administrativo do Hospital Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais. Investigaram a relação entre o estresse ocupacional e a síndrome metabólica, Foram submetidos a exames físicos e avaliação laboratorial (dosagens de glicose, colesterol total, colesterol HDL, triglicérides e ácido úrico). Verificou-se maior prevalência de obesidade abdominal, hipertensão arterial, hipertrigliceridemia, e níveis baixos de colesterol HDL, nos policiais penais. Para avaliar o nível de estresse no ambiente de trabalho foi aplicado um questionário contendo duas partes uma referindo-se ao estresse extrínseco, aquele relacionado ao ambiente de trabalho, e outra ao estresse intrínseco pertinente a opinião pessoal do policial penal. O estresse extrínseco foi encontrado em 18,2% e o estresse intrínseco em 50% dos policiais penais. E no grupo de funcionários da administração 4,7% estresse extrínseco e 41,9% estresse intrínseco. Concluindo que a maior frequência dos transtornos metabólicos e de Síndrome Metabólica estão relacionados com a maior demanda psicológica no exercício da profissão como é o caso do ambiente de trabalho dos policiais penais nas unidades prisionais estudadas, e que há relação entre a entidade clínica com o estresse ocupacional.

Bonez, Moro e Sehnem (2013) se propuseram a fazer uma investigação das condições de saúde mental de agentes penitenciários, verificando o perfil sociodemográfico destes profissionais e também o nível de estresse advindos da atividade laboral exercida. Ressaltando que com a temática abordada é possível a elaboração de estratégias que possam intervir de maneira preventiva na saúde mental dos agentes prisionais. Pesquisa descritiva com abordagem qualiquantitativa, tendo como público alvo para a pesquisa 19 agentes penitenciários de um presídio do Estado de Santa Catarina com idade entre 19 a 69 anos, sendo a maioria do sexo masculino. Quanto ao nível de escolaridade 21,05% tem ensino médio completo, 21,05% ensino superior incompleto e 21,05% ensino superior completo. Foram investigadas diversas vertentes, mas a que se refere ao estresse os autores buscaram avaliar se existe sintoma de estresse somático ou psicológico e em que nível se encontrava. No que as condições de saúde mental concluíram que são relativamente boas, mas fazem uma ressalva que isso pode estar relacionado com o pouco tempo de serviço no sistema prisional dos agentes pesquisados, sendo que 21,05% tinham menos de um ano de serviço e 42,10% entre um e cinco anos de serviço. Pois quanto maior o tempo de serviço maior a pressão psicológica sofrida no ambiente prisional e a probabilidade de problemas são maiores. Os autores identificam na pesquisa realizada 31,57% dos agentes pesquisados estão na fase de resistência do estresse, na qual o

organismo do indivíduo resiste as situações de estresse e tenta adaptar e restabelecer a harmonia interior, mas quanto maior for este esforço de adaptação maior é o desgaste do organismo. 5,26% apresentaram grau mínimo de ansiedade. Importante ressaltar que os autores destacam que a ausência de sintomas patológicos de estresse e ansiedade na maioria dos pesquisados, pode ser um indicativo de uma possível manipulação dos resultados, e enfatizam ainda que, é quase impossível que os trabalhadores deste ambiente peculiar como é uma unidade prisional com tanta pressão psicológica não apresentarem nenhum índice de ansiedade e estresse. Outro fator que chamou a atenção dos autores é o alto índice de transferência dos policiais penais para outras unidades prisionais, sendo que 42,10% já foram transferidos de unidade prisional e destes 50% já o foram mais de uma vez.

Essa questão parece ser uma prática comum nas unidades prisionais, Lourenço relata o temor dos agentes penitenciários do Estado de São Paulo de serem transferidos para unidades prisionais distantes de suas residências, o que se dava sempre que os agentes praticassem algum ato de rebeldia ou de resistência as normas da unidade prisional e até mesmo quando ocorria alterações funcionais e administrativas da unidade prisional, sendo alvos de uma política autoritária, e que tais ameaças de transferência se davam quando os superiores queriam condicionar os comportamentos ou as práticas dos agentes as regras por eles estabelecidas formalmente ou não (LOURENÇO, 2010).

Carvalho e Gagliardi (2014) fazem uma abordagem do risco de adoecimento em agentes penitenciários do complexo da Papuda no Distrito Federal composto por quatro unidades prisionais, cada uma contendo 2,500 presos com um quantitativo médio de 35 policiais penais. Fazem uma contextualização das variáveis: contexto do trabalho, os custos humanos, os sentimentos de prazer e sofrimento no trabalho e verifica os danos relacionados ao trabalho, utilizando de um estudo de caso, com aplicação de questionário fechado a 102 agentes penitenciários. Chegando a conclusão nas variáveis contexto de trabalho e custo humano investigadas o resultado é o mais negativo possível, tornando grave e iminente o risco de adoecimento. Na organização do trabalho, os autores avaliaram o controle e o ritmo das tarefas, os índices encontrados também foram considerados graves. Em relação as condições de trabalho, foi avaliado o espaço físico e aos equipamentos disponíveis para o trabalho, os dez itens avaliados, todos tiveram seus índices considerados como graves. Na avaliação dos índices de controle emocional todos os itens apresentam índices graves com risco crítico de adoecimento. Ao avaliar a realização profissional, especialmente em relação ao reconhecimento também apresenta-se crítico. Por outro lado, quando analisado a liberdade de expressão como fator de prazer no trabalho, obteve-se um nível satisfatório. Na abordagem feita relativa ao sofrimento no trabalho, os maiores índices

estão na sobrecarga de trabalho e no estresse com níveis considerados graves. Os autores fazem uma observação quanto a importância da qualidade de vida no trabalho desses profissionais “quando identificamos trabalhos e atividades onde o ser humano é plenamente colocado à prova de seus valores, mensurar a percepção de QVT pode ser um objeto de grande valor tanto para a organização como para a percepção individual para promovê-la a fim de satisfazer as necessidades individuais”.

JASKOWIAK, FONTANA (2015) pesquisaram o trabalho no cárcere fazendo reflexões sobre a saúde, com 26 (vinte e seis) policiais penais de um presídio de médio porte na região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, com dados coletados por meio de entrevistas individuais semiestruturadas com perguntas abertas que questionavam as condições de trabalho, sofrimento e adoecimento e a exposição a riscos ocupacionais. Com idade entre 27 a 53 anos 65% do sexo masculino, com formação em ensino médio e superior. Em relação aos resultados, no aspecto condições de trabalho e a exposição a riscos no trabalho, verificou-se que as condições de trabalho eram ruins, o ambiente insalubre, falta de matérias para o trabalho como armas, munições, coletes a prova de bala, contato frequente com situações de violência, estrutura física da unidade prisional precária. Em relação aos riscos psicossociais o estresse foi muito citado nas entrevistas como consequência do ambiente de trabalho em convívio direto com os presos vivenciado diariamente com tensão, brigas entre presos, fugas, desavenças entre colegas, carga horária de trabalho exaustiva. Dos 26 entrevistados, três fazem uso de medicamentos e dois acompanhamento psicológico, cinco já estiveram afastados para tratamento de saúde.

Araújo, Matos, Vieira, Vitorino, Martín, Chaveiro, Oliveira, Brasil, Nogueira, Salha, Barbosa (2020), estudaram os fatores associados à qualidade de vida em agentes penitenciários, em estudo transversal no complexo penitenciário composto por cinco unidades prisionais na cidade de Goiânia no Estado de Goiás, região Centro Oeste do Brasil. Os dados sociodemográficos foram coletados por meio de entrevista presencial e a aplicação de um questionário na versão abreviada da Qualidade de Vida da Organização Mundial de Saúde (WHOQOL-BREF). Conclui-se que entre os profissionais policiais penais estudados os do sexo feminino apresentaram os piores resultados quando comparados ao sexo masculino nos quatro domínios analisados: físico, psicológico, meio ambiente e relações sociais. Neste contexto os autores relatam que os desafios enfrentados no ambiente de trabalho pelas profissionais do cárcere são considerados maiores que os enfrentados pelas mulheres em quaisquer outros ambientes de trabalho. O domínio meio ambiente foi o mais afetado para os profissionais investigados quando se trata de qualidade de vida, aqueles com históricos de violência no trabalho apresentaram os piores níveis de qualidade de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão de literatura realizada, teve como objetivo fazer uma pesquisa nas bases de dados em investigação de produções voltadas para a qualidade de vida no trabalho do profissional policial penal abordando a qualidade de vida com ênfase no estresse vivenciado no dia a dia de seu trabalho no interior do cárcere em contato direto e permanente com os encarcerados.

Sendo possível observar o pouco interesse dos pesquisadores em examinar a qualidade de vida e o estresse nestes profissionais, mesmo sendo de conhecimento da sociedade das condições precárias que desempenha seu trabalho, poucos se aventuram em desbravar o universo fechado que é o sistema prisional e estudar a saúde dos policiais penais.

Concluído que os policiais penais apontam o estresse como um fator de adoecimento, pois em seu trabalho de vigiar e punir, sofrem com as problemáticas vivenciadas no cárcere como as brigas entre presidiários, as fugas, a jornada de trabalho, a constante vigilância, a falta de materiais para o desempenho do trabalho o baixo quantitativo de profissionais, o ritmo que o trabalho é desempenhado, ambiente insalubre, as más condições das unidades prisionais etc. todos estes os itens analisados apresentaram altos níveis de reprovação sendo considerados graves e com risco crítico de adoecimento para os policiais penais, ou seja, são situações vivenciadas no ambiente de trabalho no dia a dia que acabam por desencadear o estresse nos levando ao adoecimento psíquico. Observou-se que quanto maior o tempo de serviço no sistema penitenciário, maior o nível de estresse que se encontra o profissional.

Dada a extrema importância do tema tão pouco pesquisado pelas estudiosos, imprescindível se faz, fomentar a necessidade da realização de mais pesquisas sobre o assunto, possibilitando assim, levar ao conhecimento não só de outros pesquisadores da importância da temática, mas também da sociedade como um todo, visto que o universo prisional é considerado de difícil acesso dada as suas peculiaridades de ambiente onde se mantém temporariamente os que agrediram a sociedade e é necessário que dela fiquem afastados. E por outro lado, demonstrar ao poder público dos estados na figura dos órgãos que administram o sistema penitenciário brasileiro a necessidade de implementação de políticas visando a promoção da saúde do trabalhador policial penal, promovendo um ambiente com melhores condições para a saúde psicológica com a consequente melhoria de sua qualidade de vida no ambiente de trabalho.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Cristiane SC; MINAMISAVA, Ruth. MATOS, Marcos A. VIEIRA, Camila F. VITORINO, Priscila V. O. MARTINA, Dolores Rodrigues. CHAVEIRO, Neuma. OLIVEIRA, Lizete Mac. BRASIL, Virginia V. NOGUEIRA, Douglas J. SALHA, Leila A. BARBOSA, Maria A. **Fatores relacionados a qualidade de vida em agentes penitenciários, Brasil**. *Revistas IJERPH* Volume 17 Edição 10 10.3390/ijerph17103508. 2020.
- BIANCHI, F. M. D.; VASQUES, P. Mulheres no cárcere: as peculiaridades das agentes prisionais femininas. *Cadernos de Iniciação Científica*, São Bernardo do Campo: Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo, n.14, 2017.
- BENETTI, Sabrina Azevedo Wagner. *Estresse, síndrome de burnout cortisol salivar em Servidores penitenciários*. Dissertação de mestrado. Ijuí –RS, Brasil, 2017.
- BONEZ, Aline. MORO, Elisangela Dal. SEHNEM, Scheila Beatriz. **Saúde mental de agentes penitenciários de um presídio catarinense**. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v.31 n.74, p. 507-517, jul/set. 2013
- BEZERRA, Cláudia de Magalhães; ASSIS, Simone Gonçalves de and CONSTANTINO, Patricia. **Sofrimento psíquico e estresse no trabalho de agentes penitenciários: uma revisão da literatura**. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2016, vol.21, n.7, pp.2135-2146. ISSN 1413-8123. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015217.00502016>.
- BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil, 1988**. <http://www4.planalto.gov.br/legislacao/acesso> em 09/11/2020.
- DJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho: um estudo de psicopatologia do trabalho**. 5. Ed. Ampliada, São Paulo: Cortez – Oboré, 1992.
- FERNANDES, Eda Conte. **Qualidade de vida no trabalho: como medir para melhorar**. Salvador: Casa da Qualidade, 1996.
- CARVALHO, Stevan Marques. GAGLIARDI, Érica Costa Vieira. **O risco de adoecimento de agentes penitenciários**. *Revista Eletrônica Gestão&Saúde*. ISSN 1982-4785. 2014.
- COSTA Mônica Barros. GUÉRCIO, Nathália Moura Silva. COSTA, Humberto de Freitas Campos. Manoel Marques Evangelista de. OLIVEIRA, ALVES, Márcio José Martins. **Possível relação entre estresse ocupacional e síndrome metabólica**. *HU Revista*, Juiz de Fora, v. 37, n. 1, p. 87-93, jan./mar. 2011.
- FRANÇA, Ana Cristina Limongi; RODRIGUES, Avelino Luiz. **Stress e Trabalho: uma abordagem psicossomática**. 4. ed. São Paulo: Atlas. 2014.
- GOMES, Tarsila Dantas da Silva. **Estresse Ocupacional, um Fenômeno Coletivo: Evidências da Manifestação em Equipes de Trabalho**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília Instituto de Psicologia. 2017.
- GOFFMAN, Erning. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- INTERNATIONAL LABOR ORGANIZATION (2016). *Workplace stress: A collective challenge*. Turin, Itália: International Labor Organization.
- INFOPEN, disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/populacao-carceraria-triplica-em-20-anos-deficit-de-vagas-chega-a-312-mil/IFOPEN>, 2020. Acesso em: 10 de janeiro de 2021.
- JOSKOWIAK, Caroline Raquele. FONTANA, Rosane Teresinha. **O trabalho no cárcere: reflexões acerca da saúde do agente penitenciário**. *Revista Brasileira de Enfermagem*. 2015.
- LAUXEN. Iarani Augusta Galúcio; BORGES, Rosimar Souza dos Santos; SILVA, Marcio Borges da. **A gestão penitenciária na qualidade de vida profissional do servidor penitenciário**. *Saúde em Redes*. 2017;3 (3):256-263.
- LIMA, Ana Izabel Oliveira. DIMENSTEIN, Magda. **Transtornos Mentais Comuns entre Trabalhadores do Sistema Prisional**. *Psicologia em Pesquisa versão On-line* ISSN 1982-1247. *Psicol. pesq.* vol.13 no.1 Juiz de Fora jan./abr. 2019 <http://dx.doi.org/10.24879/2018001200300478>
- LOURENÇO, Arlindo da Silva. **O espaço de vida do agente de segurança penitenciária no cárcere: entre gaiolas, ratoeiras e aquírios**. Tese (Doutorado em Psicologia Social) PUC/SP, São Paulo, 2010.

Ozana Rodrigues Boritza, Enise Barth– **Estresse e Qualidade de Vida dos Profissionais Policiais Penais no Sistema Penitenciário Brasileiro: uma Revisão de Literatura**

MARQUES, Gabriela da Silva. GIONGO Carmem Regina. RUCKERT, Camila. **Saúde mental de agentes penitenciários no Brasil: uma revisão de literatura.** <http://revistas.uniasalle.edu.br/index.php/Dialogo>. Canoas, 2018. Acesso em 03 de março de 2021.

MORAES, Pedro Rodolfo Bodê de. **Punição, encarceramento e construção de identidade profissional entre agentes penitenciários.** São Paulo: IBCCRIM, 2005.

PRADO, Claudia Eliza Papa do. **Estresse ocupacional: causas e consequências Occupational stress: causes and consequences.** UNICASTELO – São Paulo (SP), Brasil. DOI:10.5327/Z1679-443520163515. Rev Bras Med Trab. 2017;14(3):285-91.

RANGEL, Flavio Medeiros. BICALHO, Pedro Paulo Gastalho de. **Superlotação das prisões brasileiras: Operador político da racionalidade contemporânea.** Estud. psicol. (Natal) vol.21 no.4 Natal out./dez. 2016.

SELYE, H. **History and present status of the stress concept.** In A. Monat, & R. (1985).

SOUSA, Ivone Félix De, MENDONÇA, Helenides. ZANINI, Daniela Sacramento, NAZARENO, Elias. **Estresse Ocupacional, Coping E Burnout.** Estudos, Goiânia, v . 36, n. 1/2, p. 57-74, jan./fev. 2009.